



TRABALHANDO GÊNERO NA FORMAÇÃO COM O MST - PB

Gabriel Taciano de Oliveira

Universidade Federal da Paraíba, g-taciano@hotmail.com

Resumo: Como objetivo geral de descrever a oficina pedagogia realizada com as crianças do MST e como objetivos específicos de analisar a relação dialógica criada e seus resultados da formação para a ampliação do conceito e da relação de gênero a partir da história da lutadora camponesa Maria Margarida Alves. A pesquisa de abordagem qualitativa do tipo investigação-ação, desenvolvida de forma coletiva com dirigentes e militantes do MST e estudante do Curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba. Margarida Alves como lutadora camponesas, suas ações em prol dos direitos trabalhista e sociais, inspiram mulheres e homens de nosso tempo, contribuindo para a consolidação de uma cultura de empoderamento das mulheres e de todos os oprimidos.

Palavras-chave: Educação do Campo, Gênero e Oficinas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Atualmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST da Paraíba realiza todos os anos um encontro com as crianças dos assentamentos e acampamentos do Estado, na semana do dia das crianças, como objetivo unir as crianças dos acampamentos e assentamentos, problematizando as lutas, realidades vivenciadas pelas crianças, de forma a conscientizar e mobilizar.

Na perspectiva da luta das crianças Sem Terra na defesa de seus direitos e de proporcionar um momento de lazer e brincadeiras, onde o brincar possa presentear as crianças na semana do dia das crianças.

No tocante ao Encontro Estadual dos Sem Terrinha da Paraíba, realizado nos dias 22, 23 e 24 de outubro do ano de 2011, no Ginásio Poliesportivo o Ronaldão em João Pessoa, com o tema, “Plantando e Colhendo Saberes: Os Sem Terrinha, a Agricultura Familiar Camponesa e a Educação do Campo”, nos permitiu a realização de oficinas pedagógicas, envolvendo cerca de 700 crianças.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Durante todo o dia 22 de outubro de 2011 estivemos com um grupo de vinte e duas crianças da faixa etária de 08 a 13 anos, onde discutimos a história de vida da camponesa, a líder sindical Margarida Maria Alves.

No ano de 2010 tive a primeira oportunidade de participar do Encontro Estadual dos Sem Terrinha da Paraíba e o ano de 2011 a chance de debater com as crianças a biografia e as conquistas de uma mulher de luta e referência com Margarida Maria Alves e poder de forma lúdica conscientizar e aprender com o coletivo sobre questões de gênero e um pouco do feminismo na Paraíba.

A ideia e necessidade de se trabalhar com a temática de gênero e a biografia de Margarida Maria Alves surgiu de acordo com a necessidade dessa formação por parte do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra – MST/PB.

Nosso trabalho tem como objetivo geral de descrever a oficina pedagogia realizada com as crianças do MST e como objetivos específicos de analisar a relação dialógica criada e seus resultados a partir da formação para compreender a questão de gênero com base na biografia de Margarida Maria Alves.

Para podermos efetivar as investigações dessa pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, do tipo investigação-ação, que para Severino (2007, p.120): “[...] a pesquisa-ação é aquela que, além de compreender visa interferir na situação, com vistas a modificá-la

De acordo com Thiollent (1986) é um tipo de pesquisa com base empírica sendo concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Portanto, como a de coleta de dados nesta investigação, adotamos o diário de campo, entrevistas, fontes iconográficas, vídeos do evento (Encontro dos Sem Terrinhas) e o diálogo com os sujeitos envolvidos, crianças, educadores e dirigentes do movimento.

Os sujeitos da pesquisa são as crianças, militantes e dirigente do Movimento Sem Terra. Por uma metodologia dialógica, em uma perspectiva embasada por Freire (2005), para a práxis entre educadores e as crianças do movimento, na esperança de compreender o aprendizado desenvolvido na oficina.

De acordo com Freire (2005) o diálogo é *sine quo* na reflexão dos homens sobre sua situação no mundo com vistas a sua transformação, “o diálogo é



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. (2005, p.45)”. Percebemos que o diálogo é o principal instrumento metodológico das oficinas pedagógicas e do processo de pesquisa, e de formação.

Todo o dia da oficina foi pensado a partir da leitura e reflexão das obras de BATISTA (2009), CALDART (2004), FERREIRA (2007) e FREIRE (2010), tivemos ótima interação, uma relação de aprendizagem dialógica permitindo a todos aprender com base na realidade, vivência e contribuição de cada uma das crianças, nos permitindo realizar a relação teoria e prática de forma dialógica e inovadora com os sujeitos do campo, sendo mais específicos com as crianças, permitindo dialogar as diferentes realidades em seus assentamentos e podemos resgatar a história de vida de Margarida Maria Alves e incentivar relações de gênero saldáveis/respeitosas, na formação dessas crianças e na nossa formação de educadores.

CIRANDAS INFANTIS E A FORMAÇÃO DE GÊNERO

Compreendemos que as diversidades culturais, políticas e socioeconômicas e dos diferentes lugares e singularidades em que as crianças estejam inseridas são fundamentais para sua construção enquanto cidadãos.

Há crianças pobres e ricas; africanas e europeias, brancas e negras, do campo e da cidade etc. De acordo com Philippe de Ariès (1981), em sua obra clássica sobre a história social da criança, o sentimento de mundo interno da criança é capaz de criar fantasias e “pintar” ao seu modo a vida cotidiana. Elas constroem seu senso crítico e também sentem enorme vontade de transformar o mundo (OLIVEIRA, 2015).

Sendo atores sociais que constroem conhecimento e interagem no cotidiano e nos relações do movimento.

De acordo como Oliveira (2015) O movimento dos trabalhadores/as Sem Terras – O MST - refletiram nas Cirandas Infantis, enquanto um espaço educativo da infância, organizado e mantido pelo movimento, em seus assentamentos e acampamentos, seja permanente ou itinerante.

Nesse sentido, é fundamental entendermos o conceito de Ciranda Infantil. Conforme conceitua Rosseto e Silva (2012, p. 125): “O nome foi escolhido pelo fato de ciranda remeter



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

à cultura popular e estar presente nas danças, brincadeiras e cantigas de roda vivenciadas pelas crianças no coletivo infantil”.

Diante disso, segundo Oliveira (2015, p. 25) as Cirandas Infantis foram se constituindo em experiências educativas dirigidas, inicialmente, para crianças de 0 a 6 anos, mas com o passar do tempo e com o desenvolvimento do trabalho das cooperativas e das ações do movimento ampliou-se para 12, 13 e 14 anos.

Passando a ser também um momento de organização para crianças e adolescentes, que se relaciona no engendramento educacional do movimento. Dessa forma a luz de Rosseto e Silva (2012, p. 126): “o trabalho pedagógico se funda nas necessidades das crianças ou está baseado no trabalho das mulheres envolvidas na cooperativa.”

As cirandas passam a desenvolver atividades com crianças e jovens, na perspectiva de desvelamento da realidade, de conscientizar para uma transformação profundeada de conceitos e de sociedade.

Na organização do movimento cada Estado, pensa sua forma de coordenar as cirandas. Aqui na Paraíba, tanto existem Cirandas Infantis pensadas pela parceria escola do assentamento e comunidade, quanto as Cirandas Infantis que estamos aqui focalizando, nas questões de gênero nos Encontros Estaduais dos Sem Terrinha.

Nas cirandas desenvolvidas abordamos a questão de gênero, engendrando as relações de gênero e luta de mulheres que contribuíram para o feminismo e para a sociedades.

Trabalhando a temática da vida de Margarida Maria Alves suas contribuições para a classe trabalhadora Sem Terra, para a Paraíba e para o feminismo paraibano, na perspectiva de conscientizar sobre a nossa relação gênero; e desenvolver relações saudáveis.

De acordo com Dias *et all* (2015) como sendo um fenômeno social e simbólico em que reflete na socialização de gênero, tanto no início da vida, como para ressignificações de masculinidade e também a feminilidade, fixos para meninos e meninas, constituindo os homens e mulheres.

Para Dias *et all* (2015) a exploração das experiências e representações de corpo em suas interseções com gênero, sexualidade e geração compõe um desafio para todos que se preocupam pela ampliação dos estudos do corpo e educação, criando um campo discursivo para a análise e discussão da contribuição desses estudos.

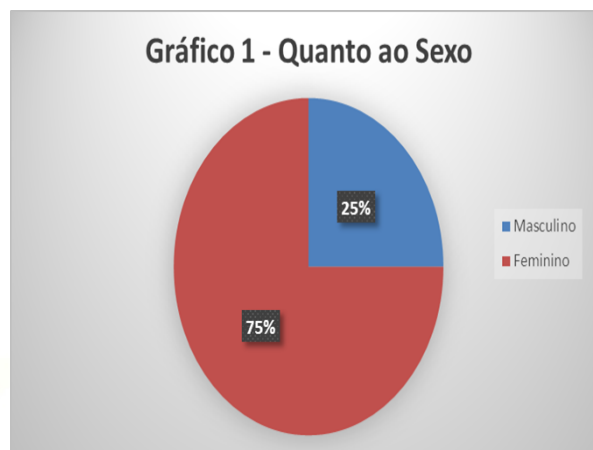


FOTO 1 – Oficinas no VIII Encontro dos Sem Terrinha



Fonte: Arquivo pessoal, 2011

Podemos observar na foto 1, as criança em momento de interação com dinâmica antes da plenária inicial. No que concerne a realização da oficina tivemos a seguinte configuração de 18 crianças do sexo feminino e 6 do sexo masculino, como podemos observar no gráfico 1, a predominância do sexo feminino.



Fonte: Idem

Com a maioria das crianças participantes eram do sexo feminino, tive a percepção de ser esse o motivo da oficina ter sido trabalhada de forma leve e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tranquila, não sendo desgastante para os meninos que participavam pois não falávamos apenas do feminismo, mas principalmente da história de luta e contribuições da lutadora do povo Margarida Maria Alves.

Para o desenvolvimento da oficina o primeiro passo foi uma dinâmica de apresentação onde todos podemos nos apresentar e dizendo nome, a escola, e o assentamento de onde veio, depois falamos sobre a escola do campo, disseram como é a sua escola e discutimos a questão “Como é a escola ideal?”. Em seguida dialogamos sobre as brincadeiras na escola, na interação de meninos e meninas e questionei se conheciam Margarida Alves.

Trabalhamos no intuito de questionar o que eles sabiam sobre Margarida e de forma dialógica facilitamos a oficina dando ênfase na questão de gênero, contribuições de Margaria para o feminismo e ganhos aos trabalhadores rurais.

FOTO 2 – Plenária dos Sem Terrinha (VIII Encontro)



Fonte: Idem.

Observamos na Foto 2, parte da plenária das crianças antes da socialização das oficinas, onde as crianças teriam a oportunidade de falar das oficinas que participaram, elas nesse momento apresentaria e fariam as avaliações dos momentos mais marcantes do encontro.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Permitindo para nós escutarmos o que as crianças acharam da nossa oficina, se gostaram ou não, o que mais marou, enfim, o que as crianças achassem importante falar sobre as oficinas e o encontro no geral.

MARGARIDA MARIA ALVES HISTÓRIA DE LUTA E EMPODERAMENTO FEMININO

Nascida em 1933 no município de Alagoa Grande na Paraíba, e falecendo 1983 na mesma cidade em que nasceu, sendo vítima de emboscada armada por latifundiários e usineiros da região do brejo paraibano deixando sua contribuição e exemplo de vida para todos que lutam pelo seus direitos no campo.

De acordo com a pesquisadora Ferreira (2007) Margarida Alves fundou o CENTRU (Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural), e o MMT (Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo).

Sendo o CENTRU um importante instrumento de educação, tinham grande preocupação com o analfabetismo e trabalhavam na perspectiva freiriana e também foi uma ferramenta de luta política contra os latifundiários da região.

Margarida Alves tinha um lema que sempre repetia: é melhor morrer na luta do que morrer de fome.

Como contribuições a classe trabalhadora camponesa Margarida Maria Alves conquistou a Lei do Sítio: direitos a dois hectares de terras ao redor da casa, onde moravam; a carteira assinada e o 13º salário para os trabalhadoras e trabalhadores do campo (Direitos já eram adquiridos pelos trabalhadores da cidade; jornada de trabalho semana; na educação o CENTRU e para o direito das mulheres o Movimento das Mulheres Trabalhadoras do Brejo, Ferreira (2007).

Foi com base nessa biografia inspiradora de Margarida Maria Alves, e com estes referenciais, com que pudemos fazer a formação solicitada pelo coletivo de educação do MST-PB assim realizamos as formações trazendo um temática tão importante de forma onde o lúdico pudesse guiar nossas atividades, portanto sendo de forma prazerosa para os jovens que se reconhecia na figura de Margarida Alves.



CONCLUSÃO

A relação pedagógica e dialógica existente no dia da oficina foi de grande significado para nossa formação inicial e tivemos a oportunidade de realizar uma oficina com temáticas importante e de forma prazerosa para todos nós que participamos desse momento.

De forma lúdica trouxemos a uma importante temática sobre gênero, feminismo e a luta de mulheres camponesas por uma vida mais justa que gerou uma conscientização dos temas abordados, de forma que cada criança se via como parte de um todo que pode fazer a diferença.

De fundamental importância esse momento de diálogo e formação entre as crianças do Movimento Sem Terra e nós educadores, tivemos a oportunidade de conhecer também Margarida através do olhar das crianças.

No último dia tivemos a socialização das oficinas na plenária, foi o momento em que as crianças apresentaram o resultado do dia anterior, foi muito interessante, pois percebemos que como foram elas que fizeram tinham muito carinho e orgulho debater e apresentar um pouco da história de Margarida Maria Alves, podemos observamos que em apenas um dia pode fazer a diferença na formação das crianças.

Para que possamos contribuir mais com conscientização das nossas crianças e jovens devemos buscar elementos da nossa região, da nossa cultura, onde nos reconheceremos e assim teremos a oportunidade de nos inspirar e poder ser agentes de transformação social, assim como, muito de nossos lutadores e lutadoras do povo paraibano com Margarida Maria Alves.

Percebemos que Margarida Alves não se colocava como um feminista, e sim como lutadora camponesas, mas suas ações em prol dos direitos trabalhista e sociais, inspiram mulheres e homens de nosso tempo, contribuindo para a consolidação de uma cultura de empoderamento das mulheres e de todos os oprimidos.

REFERÊNCIAS



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ARIÈS, Philippe. **História social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

DIAS, Alfrancio Ferreira. CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. SILVA, Francisca Jocineide da Costa e. LUNA, Maria Stella Nunes de. **Representações sobre corpo, gênero e sexualidades ao longo da vida: uma análise dos discursos de estudantes de Pós-Graduação em Educação**. Anais Gênero e Sexualidade XI - (2015) - Volume 1, Número 1. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/generoxi/trabalhos/TRABALHO_EV046_MD1_SA2_ID1110_24042015091157.pdf>. Acessado em 12 de janeiro de 2016.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **MULHERES NA TERRA: o protagonismo feminino como fonte de luta, memória e aprendizagem**. In Educação Popular (org.) Xavier Neto, Lauro Pires. Ed. Âmbito Cultural Edições, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. 46 ed.: Paz e Terra, 2005.

OLIVEIRA, Gabriel Taciano. **Formação em educação popular na infância: uma análise sobre as cirandas infantis, nos Encontros Estaduais das Crianças Sem Terrinha (MST-PB)**. João Pessoa: UFPB, 2015.

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo; SILVA, Flávia Tereza de. Ciranda Infantil. In.: CALDART, R.S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Paula Soares da; FELIPE, Eliana da Silva; RAMOS, Márcia Mara. Infância do Campo. In.: CALDART, R.S.; PEREIRA, I.B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 7º ed. São Paulo: Ed. Cortez; 1996.